



## O RESGATE DA MEMÓRIA SOCIAL ATRAVÉS DO ESTUDO DA LITERATURA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO<sup>1</sup>

Maria do Socorro Dantas Santana<sup>\*</sup>  
Daniele Euzebio Ribeiro<sup>\*\*</sup>  
Denize Euzebio Ribeiro<sup>\*\*\*</sup>  
Rita Auxiliadora Fernandes<sup>\*\*\*\*</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar os tipos de literatura existente no meio social como fonte de informação, focando o resgate da memória. Será feita uma abordagem acerca do significado da palavra Literatura contextualizando-a no meio informacional como propagadora do conhecimento. Esse estudo será desenvolvido pelo método da pesquisa exploratória com um levantamento bibliográfico, por meio de uma teoria qualitativa, no intuito de aprimorar as ideias referentes ao tema. Com embasamento no crescimento desse processo de disseminação e recuperação da informação para o resgate da memória, destacaremos a Literatura de Ficção Científica, o Romance, como também a Literatura de Cordel. A literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal, tendo uma linguagem carregada de significados. Diante disso se tem como resultado esperado a identificação da memória social por meio das fontes disponíveis através da leitura, que proporcionam o encontro do passado com o presente para a previsão de um futuro que valorize a cultura como bem social e que construam agentes modificadores da sociedade, capazes de questionar sobre sua realidade e cientes de seus direitos e deveres bem como a potencialização do resgate das diversas culturas.

**Palavras-Chave:** Fonte de Informação. Literatura. Memória.

<sup>1</sup> Comunicação Oral apresentada ao GT nº 2, denominado GT 2 – Memória e Patrimônio Cultural.

<sup>\*</sup> Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduanda em Biblioteconomia. marydant.18@hotmail.com

<sup>\*\*</sup> Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduanda em Biblioteconomia. danielle.euzebio@hotmail.com

<sup>\*\*\*</sup> Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduanda em Biblioteconomia. denizeeuzebio@hotmail.com

<sup>\*\*\*\*</sup> Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduanda em Biblioteconomia. rita\_auxiliadora@hotmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste na apresentação de um breve estudo sobre o resgate da memória social através do estudo da literatura como fonte de informação. Será feita uma abordagem acerca do significado da palavra Literatura contextualizando-a no meio informacional como propagadora do conhecimento. Esta se destaca como a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal. Segundo Ezra Pound (2006): “literatura é a linguagem carregada de significado”.

O estudo ainda aponta as noções básicas sobre o conceito de fontes de informação e de memória. Nota-se que as fontes de informação são importantes, uma vez que uma fonte é um documento (ou pessoa) de quem se obtém informações (FERREIRA, 2001). Vale ressaltar também, que as fontes de informações se apresentam em diversos suportes, possibilitando dessa forma uma melhor forma de busca informacional para quem a procura. Nessa perspectiva, a memória é um documento registrado, assim como, um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 1990, p. 476).

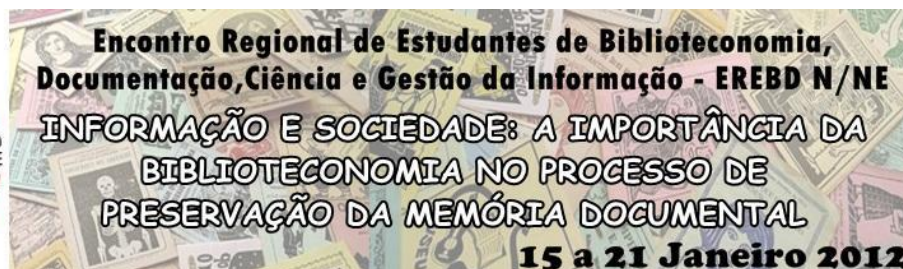
Outro aspecto de importância desse estudo que cabe salientar é quanto à contextualização da literatura como meio informacional no resgate da memória.

Sendo assim, o propósito deste estudo é mostrar a real importância da memória social por meio das fontes disponíveis através da leitura literária. Diante disso, esse resgate proporcionará o encontro do passado com o presente para a previsão de um futuro que valorize a cultura como bem social e que construam agentes modificadores da sociedade, capazes de questionar sobre sua realidade e cientes de seus direitos e deveres bem como a potencialização do resgate das diversas culturas.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O que é Literatura?

O termo literatura não é recente, há muitos anos os teóricos vêm procurando conceituar a Literatura de uma forma convincente e conclusiva. Dentre os diversos conceitos elaborados por teóricos para definir o termo “literatura”, não há um que possa ser considerado absoluto, apesar de que a grande maioria deles converge para um mesmo sentido. Aqui serão



listados alguns conceitos de literatura, mas sabendo que não é possível esgotar o assunto, devido a sua grande amplitude.

O vocabulário “literatura” provém do latim *litteratura* que deriva de *littera*, que significa o ensino das primeiras letras. Com o tempo a palavra ganhou o sentido de arte das belas letras, ou arte literária. Na segunda metade do século XVIII a literatura se identificou por meio do culto da imaginação. Como se pode observar o conceito de literatura desde o seu surgimento se designava a letra escrita e depois impressa. Não temos outro jeito de conhecer uma obra literária sem que esteja transcrita no papel ou registrada em outro tipo de fonte de informação (meios eletrônicos), com vistas à leitura. Quando falamos em obra literária pensamos num objeto concreto e não numa seqüência de massas sonoras. A literatura dos povos teve início na oralidade. Surgiu quando o homem ainda vivia em tribos nômades, onde transmitia lendas e canções por gerações e gerações. É importante ainda ressaltar que a literatura é um tipo de conhecimento expresso por palavras de sentido polivalente.

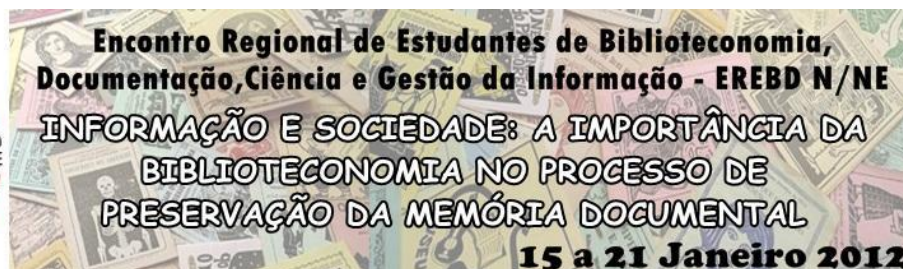
Em suma a literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal. Segundo Ezra Pound (2006):

Literatura é a linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente a linguagem carregada de significado até o máximo grau possível. A literatura não existe no vácuo. Os escritores como tais, têm uma função social definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores.

Então podemos dizer que a literatura é a representação do real para o imaginário. E que essa representação mostra a expressão da sociedade.

Diante do que foi exposto sobre literatura, nota-se que apesar das diferentes e por vezes antagonismos presentes nessa pequena amostragem, podemos retirar dela alguns fatos inegáveis:

- a) A Literatura é uma manifestação artística;
- b) A linguagem é o material da Literatura, isto é, o artista literário trabalha com a palavra;
- c) Em toda obra literária percebe-se uma ideologia, uma postura do artista diante da realidade e das aspirações humanas.



Ao analisar os diversos conceitos apresentados sobre literatura, pode-se dizer que a literatura é um olhar mais crítico sobre a transfiguração da realidade social. Observa-se, que essa representação trás toda uma releitura da memória do passado, e esta, por sua vez caracteriza-se como fonte informacional para a expressão crítica da memória social.

## 2.2 Conceito de Memória

O termo memória tem sua origem etimológica no latim e significa a faculdade de reter e/ou readquirir idéias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente reportando-se as lembranças, reminiscências.

Partindo desse pressuposto a memória significa lembrança, recordação, e o homem necessita recordar, lembrar, rememorar, pois deseja que algo permaneça. Ela é responsável pela articulação dos grupos sociais com o tempo, uma vez que, mais que guardiã do passado, ela permite a relação deste com o presente e o planejamento do futuro. Ao avaliar o passado, o homem ou o grupo social pode verificar quais as falhas que atrapalharam a sua trajetória, para não cometê-las novamente. Pode também verificar os acertos e as coisas boas realizadas, e perpetuá-las.

A partir disso se constrói a memória social, esta caracterizada por Gondar (2005) como algo móvel, pois diversos saberes são elaborados sob um mesmo objeto, por grupos diferentes de uma mesma época ou ao longo do tempo. Segundo a autora, a não consolidação de um conceito padrão de memória social é o que determina a democratização da memória.

Ainda sobre memória, Le Goff (1990, p.424), afirma que o processo da memória “faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios”, esta, então, não sendo estática. Pode-se dizer assim que através da releitura revocamos a memória do passado, visto que esses vestígios encontrados na memória são fontes de informações.

Diante disso a memória pode ser preservada e mantida mediante a construção e reconstrução das lembranças e/ou recordações do passado. Portanto a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado, e é por isso esta se torna essencial para que o indivíduo conheça suas raízes e possa construir sua identidade cultural.





## 2.3 Diversidade Literária

### 2.3.1 Literatura de Cordel

Surgida nas bases orais, com o advento da imprensa, a literatura de cordel de fato se consolida, chegando às mídias de informação e entretenimento. É marcada historicamente pela transposição do suporte corpo para o suporte papel, possibilitando assim que o cordel migrasse para um sistema de editoração e divulgação.

Existem controvérsias a respeito da origem da Literatura de Cordel. A maioria dos estudiosos defende que é advinda da Europa, mais especificamente de Portugal, e que chegou ao Nordeste brasileiro tendo algumas adaptações. O termo Cordel sucede do fato desta Literatura ser vendida nas feiras livres, calçadas ou ruas por vendedores ambulantes, na maioria das vezes, penduradas em barbantes ou espalhadas pelo chão ou em lonas.

Para Matos (2010, p. 16) a literatura de cordel:

[...] ainda é um gênero narrativo muito cultivado pelos poetas populares do Brasil, onde a voz e o canto do povo ainda se fazem ouvir. Esta forma poética, que se situa entre a oralidade e a escritura, insere-se na [...] oralidade mista, isto é, oralidade marcada pela coexistência com uma cultura escrita.

Por ela permitir que a cena oral não se restrinja apenas a voz, fazendo uso tanto do corpo como de gesto, em que este “jogo cênico e verbal” (ZUMTHOR, 1993 apud MATOS, 2010, p. 17) se constitui em uma maneira de não só aproximar as pessoas no ato da escuta, mas de inserção em uma dinâmica mais próxima da realidade dos ouvintes, que consagram os ditos poetas populares e retratam a história local.

Tida como ingênua, rude e tosca pela história literária, a literatura popular, na realidade, é um tipo de imaginação ficcional e imaginativa bastante próxima daquela que se costuma chamar propriamente literatura, não existindo diferenças de essência entre um ou outro tipo de produção, já que possuem, de modo análogo, aquilo que é comum a qualquer obra, seja qual for a tradição a que esteja vinculada: sua capacidade de criar formas significativas, expressivas e reveladoras da existência humana (MATOS, 2010, p. 19).

É neste contexto que o valor da literatura de cordel se faz presente, já que toda manifestação deve ser considerada como arte, e neste caso uma tradição que representa a



identidade do povo nordestino, por tratar não só dos aspectos, por exemplo, geográficos da região, mas também por abordar fatos históricos, personagens importantes e o cotidiano das pessoas, como uma briga entre os vizinhos. Ela assume também papel biográfico e especialmente informativo.

### 2.3.2 Ficção Científica

Diante da ascensão da ciência moderna, sobretudo pelas revoluções operadas na astronomia, na física e na sexologia é que surge a Ficção Científica. Esse termo foi cunhado por Hugo Gernsback que também deu sua contribuição, a partir das publicações das revistas *Pulp Amazing Stories e Science Wonder Stories* das quais era editor. Podemos citar dois momentos sobre o surgimento da FC, um primeiro momento onde ela germinou no século XIX em países como a Inglaterra e a França e um segundo, quando encontra nos Estados Unidos um terreno fértil para se desenvolver.

Segundo Mann (apud CARDOSO, 2006, p.18) a FC é:

Uma forma de literatura fantástica que tenta retratar em termos racionais ou realistas, tempos futuros ou ambientes que diferem dos nossos. No entanto, mostra estar consciente das preocupações dos tempos em que é escrita e provê um comentário implícito sobre a sociedade contemporânea, explorando os efeitos, materiais e psicológicos que qualquer tecnologia nova pode ter sobre ela. Quaisquer mudanças que tiverem lugar na sociedade enfocada, e também quaisquer acontecimentos futuros que forem extrapolados, deverão basear-se em uma teoria científica ou não, encarada em forma comedida e considerada. Os autores de ficção científica usam seus ambientes estranhos e imaginativos como um campo de provas para novas ideias, examinando em forma plena as implicações de qualquer noção que propuserem.

A partir desse conceito Cardoso (2006) analisa que a ficção científica não é, hoje em dia, um gênero unicamente literário: é também cinematográfico, televisivo, e de história em quadrinhos. Neste contexto ele aponta algumas questões relativas à ficção científica tais como: o futuro aparecer como temporalidade preferencial, juntamente com ambientes insólitos, que são de certo modo, instrumentos para explorar aspectos do presente social especulativamente, o que significa empreender tal exploração mediante o emprego de metáforas e tomar como ponto de partida, atitudes como perguntar “o que aconteceria se”.



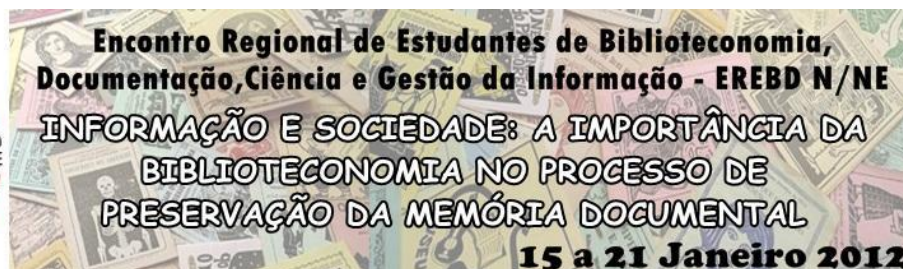
As finalidades desse setor temático são diversas, dentre elas: criar um mundo diferente do real que funcione como utopia na qual se refugiar; construir uma impressão de algo sobrenatural que, a seguir recebe uma explicação científica ou tecnológica; explorar a indagação acerca do que é “verdadeiro” na realidade percebida e, em contraste o que não passa de ilusão.

Assim como na Europa as questões do entre guerra propiciou o surgimento da FC no Brasil. Segundo Silva (2008) no artigo “O admirável mundo novo da República Velha: o Nascimento da Ficção Científica Brasileira”, a FC apresenta-se através de duas vertentes: a Ciência Gótica e a Literatura de Distopia.

Segundo Dutra (2009) esse tipologia literária passou por dois movimentos: um primeiro conhecido como “primeira onda” ou “Geração GRD”. A sigla GRD vem do nome do editor baiano Gumercindo Rocha Dorea, que foi responsável tanto pela divulgação de obras de autores estrangeiros consagrados, como pela divulgação dos autores brasileiros como foi o caso de André Carneiro e Bráulio Torres. O segundo movimento deu-se no final dos anos 80, um período em que surgem os “fanzines”, publicações amadoras editadas por fãs do gênero, que se dedicava a publicação de obras de autores brasileiros e estrangeiro, como também artigos e resenhas relacionados à ficção científica.

No que concerne ao lugar em que a FC brasileira ocupa, existem discussões a cerca da questão de ser necessária uma revisão do cânone, pois esse gênero é visto de forma marginalizada e a real produção brasileira não faz parte do cânone nacional. Em outras palavras, o que há na verdade é uma marginalização, considerando que a produção de ficção científica brasileira volta-se para a abordagem folclórica e popular, onde o popular é visto como coisa amiúde, e, portanto por ser popular, está diretamente ligado à cultura de massa, sendo assim excluído do projeto da elite cultural.

O fato de haver uma ficção científica brasileira existindo à margem dos padrões do cânone nacional mostra que há uma discordância entre o referencial do cânone oficializado e o referencial do público. Vivemos numa época onde o público é afetado cada vez mais pelos problemas e transformações provocadas pela tecnologia e a informação – temas obrigatórios de qualquer ficção científica de boa qualidade. Sendo assim, o público cada vez menos se



identifica com os padrões canônicos institucionalizados pela elite cultural brasileira. (Dutra, 2009, p.29).

Skorupa (apud MONT'ALVÃO JÚNIOR, 2009, p. 388) considera que a ficção científica compartilha mitos com a ciência numa relação de verossimilhança: “basicamente, existem quatro grandes mitos comuns a ambos, e dois particulares à ficção científica, o mito da Teoria, o mito do Cientista, o mito da Instituição Científica, o mito da Máquina, o mito do Disco Voador e o mito da Profecia.”

A segunda definição identificada é procedente do pós-modernismo. As obras jogam com os conceitos de real e ficcional, trocando, relacionando e até mesmo misturando o mundo real com o mundo simulacro. O mundo real é questionado como menos verdadeiro do que se imagina, e o mundo simulacro pode tornar-se mais verdadeiro que o real.

Segundo Fernandes (apud MONT'ALVÃO JÚNIOR, 2009), a terceira definição conceitua a ficção científica com base no *sense of Wonder* ou *sentimento maravilhoso*. As narrativas são surpreendentes, espantosas, constituídas por situações inusitadas, “criando na mente do leitor uma sensação simultânea de familiaridade e de estranhamento”.

A linguagem utilizada na FC possibilita ao leitor perceber as mudanças de pensamento ou ideias surgidas num primeiro momento de leitura que aparecem como principais, onde, a partir de uma releitura podem deslocar-se para um segundo plano. Ela pode variar de acordo com o tema, que são muitos, como por exemplo: biônica; clones; energia nuclear; alienígenas; inteligência artificial; mutantes, nanotecnologia; gravidade artificial; história; tele transporte; viagem espacial etc. Assume um caráter de suspense, de terror e na maioria das vezes apelativa do tipo técnico-científico.

### 2.3.3 O Romance

O Romance é um gênero da literatura que pertence ao modo narrativo, assim como a Novela, o Conto e a Poesia, onde esta adapta para a ficção a experiência humana, em geral por meio de uma série de acontecimentos que envolvem um grupo de pessoas em um cenário peculiar. Lukács (2000, p. 91) define romance como: “[...] a forma da aventura do valor próprio da interioridade; seu conteúdo é a história da alma que sai a campo para conhecer a si





mesma, que busca aventuras para por elas ser provada e, pondo-se a prova, encontrar a sua própria essência.”

Segundo Hegel (1964 apud BOSI, 1975), o romance seria a epopéia burguesa moderna. Ou seja, ambas apresentam uma visão totalizante do universo, a epopéia era considerada uma linha da tradição aristotélica, a mais elevada expressão arte, eram poemas épicos feitos em verso, esta cede lugar a uma forma burguesa: o romance. O aparecimento dessa literatura feita pelo, para e com o povo, especialmente a nova classe determinante, a burguesia. Essa denominação se dá ao fato de o romance ter sido consolidado logo depois do crescimento da industrialização no século XVIII, momento em que a epopéia era contida, estava em decadência e no qual o romance ascendeu, substituindo-a.

Segundo Moisés (1967), o objetivo essencial do Romance, é o de reconstruir, recriar a realidade. Não a fotografa, mas recriar. O autor reconstrói a seu modo, um mundo seu, uma vida sua recriada com meios próprios e impreteríveis, segundo uma visão particular, única, original.

Tem-se uma visão global do mundo, sendo uma visão macroscópica do mundo, em que o escritor procura retirar o máximo possível com sua intuição, observação e fantasia. Para isso ocorrer é necessário ter conhecimentos de outras áreas: tais como: A História, a Psicologia, a Filosofia, a Política, a Economia, etc. que colaboram permanentemente e de vários modos para essa recriação do mundo. O romance tem o objetivo de construir o espelho das pessoas, refletindo fiel a imagem da sociedade.

O romancista obedece aos limites do universo da narrativa, seja qual for à magnitude do espaço abrangido e seja qual for à técnica empregada. Ele exprime sua intuição e imaginação, com o intuito de elaborar os dados colhidos da realidade. Entreter é uma das funções do romance, bem como todo texto literário, mas não há de prevalecer sobre as demais sem correr o risco de perder densidade e significado.

Sabe-se que apresenta uma pluralidade dramática, ou seja, uma série de dramas, conflitos ou células dramáticas, que se organiza em torno de acontecimentos que são alinhados em uma seqüência temporal. É mais limitado que a novela em matéria de volume de núcleos narrativos. No romance, ao contrário da novela, se processa uma lógica de sintonia entre personagem e ação, de modo que esta, em vez de revelar a identidade psicológica



daquela, explicita-se. A interação apontada varia conforme se trate de personagens secundários ou principais e de acordo com o tipo de romance, mas está presente em todo o sistema romanesco.

Segundo Moisés (1967), a linguagem típica é entendida como o emprego de um vocabulário em suas categorias morfológicas, sintáticas e semânticas, a qual constitui importante capítulo de toda obra literária, incluindo o romance. É um veículo de comunicação que usamos tanto na forma falada quanto na literária. A primeira é livre, natural, obedece aos fluxos emocionais e aos estímulos do diálogo e dos acontecimentos, esta não respeita às regras normativas. Já a segunda, respeita as regras gramaticais, a comunicação acontece apenas com o leitor diante do texto, pois quem escreve precisa saber usar corretamente as palavras.

A utilizada no romance é coloquial, simples e direta. É, no entanto, conotativa, pois é constituída não somente de um único sentido, mas sim de um sentido amplo. Por isso, podemos atê-la à falada, justamente pelo fato de que o romance recria, mas não reproduz o mundo. Ou seja, é natural, pois esta faz a descrição do falar diário. Pode variar de acordo com o tema, os quais são muitos, como por exemplo: urbano, regionalista, indianista e histórico, ressaltando que esta depende também de quem escreve.

O surgimento do romance no Brasil data do século XVIII e XIX sobre a influência dos da Inglaterra como da França. A presença inglesa não ficou somente marcada pelos novos hábitos de consumo, à adoção de certas modas, ao refinamento das maneiras, mas também pelo gosto a leitura do novo gênero “o romance” que além de ser popular, fazer sucesso, era vendível e lido por todos, principalmente pelas mulheres da classe média, que se transformaram em peças fundamentais de produção de tais obras.

A presença francesa além de oferecer seus próprios bens culturais, exerceu um papel preponderante como mediadora entre o Brasil e a Inglaterra, no que diz respeito à importação dos romances, já que a única possibilidade de aquisição e transporte legais de livros e papéis aberta aos que viviam no Brasil era importá-los de Portugal, após obtenção de autorização expedida pela censura lusitana.

Apesar de já ter vindo da Europa consolidado, o romance chega ao Brasil sem maiores dificuldades para ser reconhecido e com isso os romancistas puderam dar atenção a outros



fatos como observar o cotidiano do povo brasileiro e seus costumes, visto que o modelo de romance proveniente da Europa era ultrapassado e não condizia com a realidade brasileira, e assim, a partir de 1840, predomina a verossimilhança na ação e um ajuste mais adequado entre o cenário e as situações vividas no Brasil.

Os escritos bem conceituados no meio social eram vinculados ao padrão clássico e eram lidos segundo critérios estabelecidos em artes poéticas, retóricas e tratados sobre leitura, por pessoas cultivadas e como afirma Abreu (2002) o romance subvertia essa ordem:

O romance por não responder ao padrão clássico e por poder ser lido por pessoas com pouca instrução formal. Diferentemente dos gêneros clássicos, o romance não exigia educação ou treinamento para ser apreciado devido à proximidade que estabelecia com o leitor ao tratar de eventos a que todos estão expostos e de paixões que todos conhecem. Lidando com o tempo presente, tratando de coisas familiares e circunscrevendo-se ao mundo doméstico e ao homem privado nas camadas médias de vida, o romance poderia ser apreciado por praticamente qualquer um.

Devido a sua maleabilidade o romance permitiu e ainda permite apropriar-se de diferentes formas de escrita, como cartas, sermões, diários, sendo que o desejo de educar o leitor, de influir na sua formação, de oferecer-lhe instrução de maneira agradável e até mesmo imperceptível mostra claramente a construção de um elo entre o escritor e seu público. Sendo que o seu público-alvo eram as mulheres que viam no romance sua única forma de acesso a qualquer tipo de informação ou educação. Essa tentativa de se relacionar com o leitor mais diretamente, falar e mostrar seus costumes e modos fez da história do romance um processo de construção e descobrimento do seu próprio ser como parte fundamental para uma sociedade melhor.

#### **2.4 Contextualizando Literatura com Fontes de Informação**

Sob este enfoque, percebe-se que a literatura é um importante meio de informação para a reconstrução e, até mesmo, resgate da cultura e memória social. Fica claro que a partir do acesso à informação, principalmente ao gênero literário, há a possibilidade do indivíduo leitor se inserir na sociedade, servindo de instrumento de transformação social, onde passará a rever os conceitos que o movem dando sentido a sua existência.



A literatura, portanto, engloba o leitor numa cadeia de questionamentos sobre sua realidade, a partir de suas lembranças, fazendo um resgate de memórias passadas dos quais passará a entender o funcionamento de sua e de outras culturas, proporcionando uma integração profunda e singular no universo letrado, percebendo o jogo de interesses e as ideologias de dominação e alienação que estão ali, implícitos na maioria das vezes, nas entrelinhas.

Contudo, nota-se que a literatura promove no homem o desenvolvimento de sua intelectualidade, proporcionando uma maior integração com a realidade que o cerca, assim como o resgate de sua memória cultural. Nesse sentido, a literatura só será concedida importante se ela for bem interpretada e compreendida. Essa interpretação e compreensão resultam de uma ação a qual estamos todos efetuando no dia-a-dia, que é a prática da leitura. Fica clara, assim, a importância que a literatura exerce no meio social, sobretudo no homem participante e responsável pela manutenção desse meio.

### **3 METODOLOGIA**

O método utilizado para o desenvolvimento desse trabalho foi o de levantamento bibliográfico destacando os autores relevantes para essa temática por meio de uma pesquisa exploratória que nos permite identificar o problema de forma mais clara, no intuito de torná-lo mais transparente para o estudo e resultados esperados. Através do aprimoramento de ideias é que de acordo com Lakatos e Marconi (1999):

Tanto métodos quanto técnicas de pesquisa devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas, ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato. Dependerão do objeto da pesquisa, dos recursos financeiros, da equipe humana e de outros elementos da investigação.

Para Goldenberg (1997) o método é “a observação sistemática dos fenômenos da realidade através de uma sucessão de passos, orientados por conhecimentos teóricos, buscando explicar a causa desses fenômenos, suas correlações e aspectos não-revelados.

Em consonância com essa afirmativa é que adotamos o método indutivo que caminha para planos mais abrangentes, indo das constatações particulares às leis e teorias gerais, em conexão ascendente, que nos leva a refletir sobre a relevância do trabalho pesquisado.





Quanto ao procedimento adotado, buscou-se uma abordagem teórica qualitativa, que Segundo Bartunek e Seo (2002), esse método é útil e necessário para identificar e explorar os significados dos fenômenos estudados e as interações que estabelecem, estimulando assim o desenvolvimento de novas compreensões.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi exposto anteriormente podemos constatar que há uma relação entre as formas literárias aqui trabalhadas, no tocante, principalmente, à questão de a literatura de ficção científica ter engajada na sua estrutura o romance e a literatura de Cordel, e que a FC expandiu-se também para o gênero televisivo e cinematográfico.

Mediante tal fato se tem como característica marcante a transformação do ser humano em um ser pensante, que ocupa um espaço só seu e que nesse ínterim conquistou sua própria maneira de ser e fazer, para assim se relacionar com os outros de forma gradual e eficaz para sua própria concepção de ser humano.

Considerando a memória social um instrumento de reconhecimento cultural, é que se tem como intenção sua identificação de maneira que possibilite o resgate de uma história por meio das fontes disponíveis através da leitura, que proporcionam o encontro do passado com o presente para a previsão de um futuro que valorize a cultura como bem social e que construam agentes modificadores da sociedade, capazes de questionar sobre sua realidade e cientes de seus direitos e deveres bem como a potencialização das diversas culturas existentes.

#### REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **O caminho dos livros**. Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como parte da exigência para obtenção do título de livre docente. Campinas, 2002.

BARTUNEK, J. M.; SEO, M. Qualitative research can add new meanings to quantitative research. **Journal of Organizational Behavior**, v. 23, n.2, mar., 2002.



BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1975. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/dictionary/1917975-romance-brasileiro-depois-1930/#ixzz1JN6s7wxd>> publicado em: 30 jul. 2009. Acesso em 15 abr. 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Ficção científica, percepção e antologia: e se o mundo não passasse de algo simulado? **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13, p. 17 – 37, out. 2006. Disponível em: <<http://www.scillo.br/pdf/hscm/v13so/01.pdf>> Acesso em 11 abr. 2011.

**Conceitos de literatura/estudos literários**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/278085>> Acesso em 12 dez. 2011.

DUTRA, D. T. Ficção científica brasileira: um gênero invisível. **Eletrônica**, v. 2, n.2, p. 222 – 232, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/articli/viewfile/5082/46>> Acesso em 12 abr. 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em: <<http://www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br>> Acesso em 15 dez. 2011.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria Literária**: Um ensaio Histórico-Filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MATOS, Edilene. Literatura de cordel: poética, corpo e voz. In: MENDES, Simone (Org.). **Cordel nas gerais**: oralidade, mídia e produção de sentido. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária - Prosa**. 18 ed. São Paulo, 1967, p.1-198. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/458324/Massaud-Moises-A-criacao-literaria-prosa-rtf>> Acesso em 23 abr. 2011.

MONT'ALVÃO JÚNIOR, Arnaldo Pinheiro. As definições de ficção científica da crítica brasileira contemporânea. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 38, n. 3, p. 381-393, set./dez. 2009.

SILVA, A. M. O admirável mundo novo da república velha: o nascimento da ficção científica brasileira. **Eutomia**. Revista On-line de Literatura e Linguística. Ano I, n. 2, p. 262 – 283. Disponível em: <[http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2008/alexandermeireles\\_oamiravel.pdf](http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/trabalhos/2008/alexandermeireles_oamiravel.pdf)> Acesso em 12 de abr. 2011.